

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

estudo do *Vincentius* não foi dada particular atenção às qualidades literárias do poema. Sem dúvida que o latim de Resende é elegante e não destoa no conjunto do que de bom produziu a Europa do Renascimento. Mas o poema (e muito especialmente as *Adnotationes*) importa sobretudo como documento para o conhecimento cultural da época.

Concluindo: a par do manifesto interesse que o desenvolvido estudo introdutório do Prof. Pina Martins apresenta, é de felicitar a iniciativa da publicação do *Vincentius leuita et martyr*, num fac-símile de grande qualidade, pelo que ele representa para a investigação do Humanismo português, de que André de Resende é um dos maiores expoentes.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

MARCEL BATAILLON, J.-C. MARGOLIN, JORGE B. DE MACEDO, JEAN AUBIN, ISAÍAS DA ROSA PEREIRA, **Damião de Góis, humaniste européen**, études présentées par José V. de Pina Martins, Braga-Paris, École Pratique des Hautes Études — IV.<sup>me</sup> Section, Centre de Recherches sur le Portugal de la Renaissance, 1982, XLIV + 360 pp. e 2 extratextos.

Se o centenário da morte de Damião de Góis não houvesse esbarrado contra acontecimentos políticos de bem recente memória, outras teriam sido as comemorações que, dadas as circunstâncias, se ficaram, por então, nas levadas a efeito, aliás honrosa e solenemente, pelo Centro Cultural Português de Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian, e pela Academia das Ciências, de Lisboa. É das de Paris que o livro em epígrafe trata, corporizadas em cinco conferências, desde a primeira em 20.II.1974 até à última, sob forma de seminário na Sorbona, em 13.III.1975. Esta recensão, porém, respeitará a ordem da colectânea.

Marcel Bataillon, iniciador do ciclo comemorativo, esboçou em «Damião de Góis», um perfil simpático do escrivão da feitoria de Antuérpia, do amador das artes plásticas, do musicógrafo, do cosmopolita, do latinista, do patriota, do precursor do ecumenismo, do irenista entusiasmado com a nova cruzada, do defensor de Lovaina, do perseguido da Inquisição. Em tom de palestra; o douto mestre não gozava já da saúde que lhe possibilitou aprofundar a riquíssima temática legada em património. Uma ou outra expressão causa certa estranheza, para além do juízo demasiadamente depreciativo acerca do latim goisiano, juízo que tencionava reformular, como lhanamente me declarou, se a morte lhe não houvera roubado o tempo para a revisão deste texto. Chamar a D. João III «roi-marchand», negar a Damião de Góis o merecimento de «escritor» e conferir-lhe apenas o de «homme de plume» porque «il a très peu écrit en portugais»; afirmar que o nosso humanista «n'a jamais cherché l'élégance épistolaire» e por isso não lhe quadra o nome de epistológrafo — são, quando menos, dormiçoes curiosas de um sábio. José de V. Pina Martins,

então director do Centro Cultural Português de Paris, no lúcido prefácio em que cordata e criteriosamente traz os cinco temas à barra judicativa, acaba por concordar ser esta oração sobretudo um testemunho, mais do que lição ou conferência. É verdade: testemunho de um erasmista mundialmente acatado e de um lusófilo a quem rendo a mais grata homenagem.

Jean-Claude Margolin, erasmista de renome internacional, assestou a máquina sobre «Damião de Góis e Erasmo de Roterdão», dando-nos instantâneos felizes, orlados de entusiasmo e bom enquadramento erudito, não obstante focagens ou angulações em que a perspectiva talvez seja susceptível de pequenos ajustamentos.

Assim, a opinião sobre o latim de Góis (p. 24, nt. 26) tem raiz batailloniana; o retardar a partida (p. 31, nt. 70) do nosso humanista, de Friburgo para Pádua, até 10 de Setembro de 1534, parece-me um tanto peregrino; «les descendants hébreux de la Reine de Saba, les Musulmans» (p. 38) é frase com gralha ou salto tipográfico, assim como a concernente à nomeação de Damião de Góis, em 1548, para cronista régio (p. 34), além de guarda-mor, pois nunca tal aconteceu; a versão, aliás adaptada com mestria (p. 32, nt. 74 = 73, porque a 74 não existe), do trecho da carta de Góis a Jerónimo Cardoso (de 1554 e não de 1556, como aventou Elisabeth Feist Hirsch) seguiu uma lição algo defeituosa («tanti viri, hospitis quondam felicissimi mei»; e não «tanti viri hospisque quondam felicissime mei»); sobre um D. João III liberal (Hirsch), fanático (Herculano), de ortodoxia meticulosa (Hernâni Cidade), de carácter enigmático (Joaquim de Carvalho), atento à ortodoxia (Luís de Matos), os ajuizamentos (p. 37) mais objectivos são o último e o terceiro; o tempo da primeira viagem goisiana a Friburgo (p. 25) afigura-se-me assinalado em definitivo, porquanto esta deu-se depois de 18 de Abril de 1533 e, mais concretamente, pelos finais desse mês (1).

Quanto à carta de Cornélio Grapheus que acompanhou a *Pictura seu descriptio Damiani*, a data de 19 de Dezembro de 1530 julgo dever manter-se. Fazê-la corresponder, no antigo estilo, a 1531 (p. 28) briga não só com esse estilo mas também com o facto de nessa altura haver Góis terminado já a composição da *Legatio*, cujo fecho é das calendas de Dezembro de 1531, o que não transparece minimamente no poema. Contudo, a dificuldade maior provém do tal estilo: no da Incarnação e Páscoa, em que o ano começava mais cedo, 19.XII.1530 era 19.XII.1529; no do Nascimento e Circuncisão, tal dia de Dezembro era mesmo de 1530, evidentemente. Ora, exceptuando o da Anunciação, os três estilos restantes usavam-se nos Países-Baixos, sendo o da Páscoa comum no Brabante, e em Lovaina do gosto das almotacés, onde a Universidade preferia o do 1.º de Janeiro e o clero e notários o do 25 de Dezembro (2). Grapheus terá adoptado o costume clerical e notarial, o que mais se coadunava com a índole de teólogo que também foi e com as funções públicas que exerceu. Tal se me afigurou há anos (3). É que a haver seguido o da Páscoa, a carta

(1) Cfr. Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, I — *As Cartas latinas de Damião de Góis*, Paris, Centro Cultural Português, 1982, p. 252, nt. 3.

(2) Cfr. M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal*. I — *Clenardo e a sociedade portuguesa*, 4.ª ed., Coimbra Editora, 1974, pp. 65-66; Amadeu Torres, *o.c.*, p. 17, nt. 21.

(3) Cfr. Amadeu Torres, *o.c.*, p. 11, nt. 13.

seria de 1529, ano em que decerto não merecia tamanhos elogios a latinidade goisiana, mesmo descontados os exageros humanísticos.

Há uma distração na versão de «Damianus isthic adest» (p. 31 e nt. 69), como se Góis houvesse chegado a Friburgo logo no dia 11 de Abril de 1534. Erasmo não afirma, na sua carta de 11.IV.1534 para Amerbach, que «Damião está aqui» [comigo], mas sim «Damião está aí» [contigo]. Só chegou junto do roterdamês uns dias depois.

Com certeza, não há que negá-lo, nas conversas de Góis com Erasmo, o tema dos lapões (p. 39) foi abordado. Erasmo, porém, já o conhecia da *Legatio*, ofertada pelo autor aquando do encontro de 1533 e que o velho humanista acabou por folhear mais tarde, como ressalta do *post-scriptum* da carta de Friburgo para Góis, com data de 11 de Março de 1534, pormenor importante esquecido por Allen (X, p. 253, n. 31).

Todavia problemática candente, nalguns desses serões entre o príncipe dos humanistas e o jovem prestigioso da Corte das Descobertas, terá sido a do congracamento do irenismo com o cruzadismo; e Margolín, no seu excelente estudo de 36 pp., não foge à questão. Os nossos humanistas eram cruzadistas, sem renegarem o irenismo. José V. de Pina Martins, no prefácio desta colectânea (p. XXI) concorda com tal cruzadismo, «vite devenu esprit de mission». Foi o que eu escrevi algures, por outras palavras e continuo a sustentar, com a devida vénia, não obstante a discordância do douto amigo noutra prefácio (4). É que estou convencido de que, parafrasticamente, os três dizemos a mesma coisa.

Jorge Borges de Macedo, com a alta competência habitual, dissertou sobre «Damião de Góis e a historiografia portuguesa», uma conferência que posteriormente cresceu até às 200 pp. da separata, de cinco providos capítulos.

Numa introdução situadora desbobina-nos os vectores da historiografia renascentista, bolada entre ciceronianos, pouco interessados no passado, e ecléticos, amigos dos documentos; entre propugnadores do estilo retórico e da lição ético-política e os das narrativas analíticas de acontecimentos recentes, aqueles e estes evocando ora a *ratio* e a *virtus*, ora a *fortuna* e a Providência, motivações que no capítulo adiante examina aquém-fronteiras.

Teoricamente Damião de Góis não participou na disputa geral; mas o certo é que os opúsculos que vai compondo e finalmente as próprias Crónicas inserem-no facticamente na época. Ter havido, na sua ida para Pádua, motivação diplomática especialíssima em ordem à pacificação religiosa, ele que era apaixonado por estes assuntos, eis uma hipótese interessante com plausibilidade. Mas não foi nesta viagem que praticou (p. 70) com Guilherme Farel (*Faber* diz a grafia), nem com Goclénio, que morava em Lovaina.

Nos dois capítulos seguintes Góis é escalpelizado em excesso, não obstante a perícia de manobra de Borges de Macedo em lidar com instrumentaria historiográfica. A falta de sentido crítico e de metodologia adequada, a transposição do providencialismo do plano religioso para o histórico, a ignorância do panorama da historiografia

---

(4) Cfr. Amadeu Torres, *o.c.*, «Sob o signo da *latinitas*», pp. XX-XXI; e no texto, pp. 92-95.

renascentista, a incapacidade para uma dinâmica de grupo na interpretação dos factos; o abuso da comparação superficial, do comentário pessoal e da esquematização selectiva; o parco relevo outorgado à política, à diplomacia, à administração não fazem dele «un modèle très accompli» (p. 146). Na verdade, «Góis n'est d'ailleurs pas historien» (p. 157). Ora eu gostava de saber, com perdão para esta nesceciência, quantos modelos perfeitos poderiam ser apontados nesse tempo ou no precedente até à antiguidade, ou quais os que, por serem «très accomplis», escapariam a semelhante banimento.

O último capítulo, «Damião de Góis e a crítica», dá-nos o pró e o contra de apreciações alheias. Quanto aos cordelinhos que moveram em definitivo a Inquisição, Borges de Macedo emite a opinião de que foram políticos, resultado conjuntural dos esforços de aproximação com a França, e religiosos de inspiração tridentina. Na publicação das Crónicas estaria a simples coincidência e não qualquer causalidade. Neste particular, como em alguns outros, ainda não houve trânsito em julgado.

Na bibliografia, de 21 pp., intrometeram-se gralhas e gralhões evitáveis. Alguns destes para amostra: Munzer, em vez de Munster (Sebastião), gralhado também no texto; *Urbis Orlisiponis descriptio* traz o nome do editor no lugar do autor; o livro de Joannes Bohemus, *Omnium gentium mores* lê-se *Omnium mentes mores*, intraduzível; no texto, Peter Nanninck, holandês de Alkmaar figura inadvertidamente como italiano.

Jean Aubin, grande orientalista e lusófilo de gema, escolheu um assunto desde há muito a reclamar aprofundamento e revisão ou complementação, dentro de um critério de minúcia investigativa e de prudente equilíbrio conclusivo, «Damião de Góis e o Arcebispo de Upsala». Em 70 pp. densas de conteúdo, repercorre os locais de estada goisiana e as missões à Polónia, traça limites à imaginação do nosso humanista ou de António Galvão, fala da amizade daquele com João Magno Gothus, precisa-lhe os conhecimentos nórdicos e a influência que terá exercido nesse prelado e em seu irmão, ou vice-versa.

Ao contrário de Galvão, Guilherme Henriques, Joaquim de Vasconcelos, Sousa Viterbo, Bataillon, Hirsch, A. José Saraiva, Óscar Lopes e outros, Jean Aubin opina, com boa argumentação, nunca haver Góis estado na Rússia nem na Escandinávia, e muito menos visitado a Lapónia, no extremo Norte. As duas legações à Polónia são esclarecidas através de novas achegas; o encontro com João Magno, situado por Vocht, Bataillon e Hirsch em 1529, na cidade hanseática de Danzig, avançado para 1531, acertadamente; e indicada, com pormenores colacionais, a fonte principal da *Lappiae descriptio* (título da edição definitiva de 1544, nos *Aliquot opuscula*), isto é, a *Schondia* de Jacob Ziegler, de resto citada pelo próprio Góis na carta de 20 de Junho de 1533 endereçada de Antuérpia para Erasmo, na qual lhe rogava escrevesse algo acerca dos lapónicos explorados.

Quanto aos influxos mútuos, acha-os Jean Aubin maiores por parte dos irmãos Olau e João Magno do que de Damião.

Não deslustra o rigor deste trabalho um pequeno lapso (p. 301) na versão da carta de Góis a Paulo III (Lovaina, 1.IX.1540, em remate da *Fides*), no início do penúltimo parágrafo, em que Góis sublinha a existência de dois grupos antagónicos: o do rei Gustavo e nobres suecos, opostos a Roma, e o que deles divergia em absoluto.

Por último, Isaías da Rosa Pereira, sagaz e paciente investigador dos escaninhos do Santo Ofício, descreve-nos as vicissitudes de «Damião de Góis perante o tribunal da Inquisição», desde a prisão em 4 de Abril de 1571 até 16 de Dezembro de 1572.

Recorda os pergaminhos da família, a vida do pagem da Corte, a frequência da Universidade para receber lições de gramática latina, a saída para Antuérpia, as deslocações diplomáticas e particulares, a amizade com Erasmo, os contactos com letrados e reformadores, o retorno à pátria, os privilégios e favores régios, historiando de seguida o processo inquisitorial, iniciado em 1545, mas retardado nos seus efeitos até 26 anos mais tarde.

Se a razão do desencadeamento processual emperrado se relacionará com a publicação das Crónicas e o despeito dos Braganças, ou com os factos acentuados por Borges de Macedo e atrás aludidos, só quando a edição crítica chegar ao cabo haverá talvez possibilidade de discernir. Sobre um Góis luterano ou hereje, Rosa Pereira, como canonista que também é, comprova não existirem elementos que induzam a tal aceitação.

Enfim, cinco peças variegadas de cinco mestres do saber goisiano que, apesar de desiguais no valor, ou até por isso, compõem um retrato mais moderno, contrastante de cores, enriquecido de elementos e, sob certas reservas, mais autêntico do nosso grande humanista e cosmopolita de Quinhentos.

AMADEU TORRES

**D. JERÓNIMO OSÓRIO, Carta à Rainha da Inglaterra.** Introdução de José V. de Pina Martins. Crítica e modernização do texto, tradução e notas de Sebastião de Pinho. Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, 252 pp. (incluindo 89 fotocópias).

É de saudar a edição de uma obra de D. Jerónimo Osório com a respectiva tradução. Mas não se compreende muito bem a escolha desta *Carta*, pois ela é, dentro das obras do «Cícero português», uma das menos significativas e até contribuiu, dado o seu teor altamente polémico, para o enfraquecimento da fama do Bispo de Silves além fronteiras, sobretudo em Inglaterra. Aliás, o simples facto de o autor ter escrito esta obra a pedido do Cardeal D. Henrique dá a entender que D. Jerónimo Osório não se sentiria muito inclinado para a sua redacção.

Seria, pois, de desejar a escolha, por parte do editor, de uma obra mais importante na bibliografia de D. Jerónimo Osório.

Esta edição da *Carta à Rainha da Inglaterra* inclui uma nota introdutiva, o *fac-simile* da 1.ª edição em latim, o texto latino com aparato crítico, a tradução e notas.

A introdução apresenta alguns aspectos da vida e da obra de D. Jerónimo Osório, tendo, em seguida, uma análise a esta *Carta*.